**Introdução**

Emmanuel inicia essa lição dizendo-nos que de tempos em tempos surgem no seio da humanidade grupos religiosos que convidam seus adeptos a se retirarem por completo das lutas diárias com o objetivo de se entregarem exclusivamente à oração.

Só que Emmanuel – em concordância com o que o Espiritismo tem nos ensinado – vem nos lembrar que também nesse sentido Jesus é o modelo e guia a ser seguido por nós e que o trabalho e a prece sempre caminharam lado a lado nas atividades do Mestre.

Jesus nunca se afastou dos doentes, dos necessitados, dos excluídos e daqueles considerados impuros com o propósito de se entregar à contemplação da Divindade. Somente depois de realizar Seu trabalho de amor e misericórdia é que o Mestre recolhia-se à Sua própria intimidade e através da prece entrava em plena comunhão com o Pai Celestial.

Se o Cristo, em Sua pureza e perfeição espiritual jamais deixou de trabalhar e de cultivar a prece, por que haveria de ser diferente conosco que ainda estamos dando os primeiros passos na caminhada rumo à perfeição?

O trabalho e a prece são duas forças doadas a nós por Deus e é nossa responsabilidade movimentarmos essas forças em benefício de nossa própria evolução.

Porém, para que possamos efetivamente utilizar esses recursos precisamos compreender claramente o que significam o trabalho e a prece.

**Desenvolvimento**

A terceira parte de O Livro dos Espíritos trata “Das leis morais” e nela nós temos o Capítulo 3 - “Da Lei do Trabalho”. Na pergunta 675 desse capítulo, Allan Kardec fez o seguinte questionamento à Espiritualidade:

- *Por trabalho só se devem entender as ocupações materiais?*

A resposta da Espiritualidade foi a seguinte:

- *Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.*

Então, de acordo com a Espiritualidade, o trabalho não se restringe às atividades executadas pelo corpo físico. Tudo aquilo que é realizado pelo espírito também é considerado trabalho.

É importante nós observarmos que a Espiritualidade definiu o trabalho como sendo “toda ocupação útil”. Mas, útil a quem? Vamos supor que eu seja uma pessoa que trabalha muito mas eu trabalho com o objetivo de atender exclusivamente às minhas necessidades e aos meus interesses. Se meu trabalho for justo, digno e honesto, não há como negar a utilidade dele. Mas Emmanuel vem nos falar do trabalho como ferramenta de evolução espiritual e nesse sentido ele passa a ter uma significação mais ampla.

Allan Kardec, ainda na terceira parte de O Livro dos Espíritos, agora no capítulo 7 – “Da Lei de Sociedade” nos esclarece que aqui na Terra ninguém possuiu suas faculdades totalmente desenvolvidas e que somente através do convívio social é que nós poderemos completá-las. Vivendo e trabalhando em sociedade nós promovemos o nosso bem estar e atuamos em favor do nosso progresso.

Fomos criados para viver e progredir em sociedade mas o nosso progresso tem que ser moral e intelectual. Por isso, nosso trabalho só será realmente útil quando tiver como objetivo o bem coletivo, o bem social.

Esses conceitos ampliam nosso entendimento, nossas possibilidades e nossas responsabilidades acerca do trabalho.

No que diz respeito ao nosso progresso moral vamos pensar o seguinte: as tarefas que nós desempenhamos aqui na Casa Espírita ou em outra entidade religiosa à qual nos vinculamos, o trabalho voluntário assistencial, as atividades vinculadas à ONG’s, tudo isso é trabalho útil e que visa o bem coletivo. Porém, nós podemos realizar mais: evitar uma briga de trânsito quando o outro motorista comete um erro, silenciar numa discussão diante da irritação e do desequilíbrio de um companheiro, emprestar nossos ouvidos a um irmão ansioso por desabafar, dedicar palavras de consolo e incentivo a alguém sofrendo pela culpa de uma falta cometida, tudo isso também é trabalho.

Alguém pode dizer: mas essas são atitudes que beneficiam indivíduos. Qual o bem coletivo que elas podem produzir?

Vamos pegar o exemplo do trânsito: suponha que eu esteja dirigindo e num determinado cruzamento um motorista não respeite a parada obrigatória e quase provoca um acidente comigo. Diante dessa situação eu tenho duas opções:

1. Descarregar naquele motorista todo o meu repertório de xingamentos e buzinar com toda a intensidade que minhas forças permitirem. É muito provável que a outra pessoa revide minhas agressões e, dependendo do meu desequilíbrio e do dele, a situação pode caminhar até para a agressão física ou coisa ainda pior. Dependendo da duração da discussão os demais motoristas, ansiosos por seguirem seus caminhos mas impossibilitados de o fazerem já que eu e meu nobre colega gentilmente estamos bloqueando a passagem, esses motoristas provavelmente já estarão contribuindo com sua parcela de xingamentos e executando uma sinfonia de buzinas. E aí só Deus sabe como isso vai terminar.
2. Mas eu posso fazer uma escolha diferente: eu posso simplesmente silenciar. Eu apenas me mantenho calado e sigo o meu caminho permitindo que o outro motorista faça o mesmo, sem discussões, sem buzina, sem brigas. Somente isso.

Percebem quantas coisas ruins eu posso evitar se eu fizer a segunda escolha? Quando nós escolhemos agir no bem diante de situações como essas, nossa atitude pode quebrar o elo daquilo que viria a ser uma cadeia de eventos infelizes se nós déssemos passagem ao mal.

Coisas desse tipo acontecem em nossas vidas todos os dias e podem representar valiosas oportunidades de trabalho útil da nossa parte.

Ainda no capítulo 7 - “Da Lei de Sociedade”, na pergunta 770, Kardec aborda um assunto mencionado por Emmanuel logo no início da lição que estamos estudando. Ele pergunta o seguinte à Espiritualidade:

- *Que se deve pensar dos que vivem em absoluta reclusão, fugindo ao pernicioso contato do mundo?*

Resposta:

- *Duplo egoísmo.*

Através dessa resposta nós entendemos perfeitamente Emmanuel quando ele, ao comentar sobre a fuga voluntária dos males do mundo, nos recomendou observar Jesus.

O Mestre jamais fugiu ao contato das nossas mazelas espirituais. No Evangelho de Mateus 9:10-12 nós temos a passagem em que Jesus, estando à mesa com os Publicanos e com pessoas consideradas de má vida por aquela sociedade, foi questionado pelos Fariseus por Sua conduta. E o que Jesus disse aos Fariseus?

- *Não são os que gozam de saúde que precisam de médico.*

O que Jesus quis dizer é que o auxílio, a assistência, a ajuda devem chegar até aqueles que se fazem necessitados, aqueles que se encontram doentes, independente das imperfeições que carreguem. E espiritualmente falando todos nós aqui na Terra, em maior ou menor grau ainda nos encontramos doentes. Isso significa dizer que todos nós precisamos ajudar e ser ajudados.

É exatamente por isso que Emmanuel nos adverte que se nós ainda nos encontramos na Terra é com o objetivo de alcançar pontos mais elevados na escala evolutiva. E isso deve ser feito através do trabalho.

A Terra é um mundo de provas e expiações passando por um momento de transição para mundo de regeneração. Se é assim, qual de nós poderia se considerar isento de realizar a parcela de trabalho que lhe cabe?

Bom, nós falamos do trabalho. Vamos agora analisar os aspectos que envolvem a prece.

No capítulo 27 de O Evangelho Segundo o Espiritismo, cujo título é “Pedi e Obtereis”, Kardec destaca algumas passagens evangélicas nas quais encontramos recomendações de Jesus acerca da importância da prece e da maneira correta de orar.

Jesus nos ensina que devemos orar na intimidade de nossos corações. Nossas preces não devem ser extensas e não devemos orar de forma mecânica pois não é pela repetição das palavras que Deus irá ouvir nossas rogativas e sim pela sinceridade de nossos sentimentos. Para que nossas preces agradem a Deus é necessário que, antes de orar, perdoemos quaisquer faltas de nossos irmãos. E por fim: que nos coloquemos numa posição de humildade examinando sempre nossos defeitos e não destacando nossas qualidades.

Um ponto importantíssimo a ser observado em relação à prece é que nós podemos fazer nossas orações, seja para agradecer, seja para pedir, sem que haja a necessidade de interromper nossas atividades. Um pensamento, um sentimento sincero elevado a Deus é o suficiente.

Assim, em todas as situações e em todos os lugares o recurso da oração está ao nosso alcance. Se nós procurarmos unir o trabalho útil à prece, ou, nas palavras de Emmanuel, unir o esforço à oração, nós poderemos fazer muito mais pelos outros e, consequentemente, por nós mesmos.

Então, quando nós nos depararmos com aquele irmão caído nas calçadas sob o efeito de álcool ou drogas, em vez de lançar sobre ele um olhar de condenação, nós podemos pedir a Deus que o auxilie a superar o vício ao qual ele infelizmente se entregou; quando estivermos nas ruas ou nas estradas e presenciarmos um acidente de trânsito, em vez de cedermos à curiosidade de querer ver os veículos e as pessoas envolvidas no acidente, vamos seguir nosso caminho rogando a Deus que permita que o socorro chegue aos feridos e que aqueles que porventura tenham desencarnado no acidente sejam amparados no Plano Espiritual.

Retornando à nossa lição, Emmanuel nos fala da necessidade de encontrar o equilíbrio entre o trabalho edificante e a prece que nos revigora. Segundo Emmanuel, aqueles que trabalham sem método correm o risco de caírem em desespero ou de transformarem o solo do coração num terreno onde não se cultivam os sentimentos mais sublimes.

Quando Emmanuel fala em “trabalhar sem método” ele nos adverte quanto ao fato de que nós muitas vezes nos tornamos frios, desanimados e até mesmo desistimos do trabalho no bem diante das imperfeições e da ingratidão daqueles a quem nós pretendemos ajudar.

No livro Jesus no Lar, ditado pelo Espírito Neio Lúcio a Francisco Cândido Xavier existe uma lição que trata exatamente dessa questão. Esse livro traz relatos das reuniões de Jesus com pessoas e famílias de seu convívio. Nessas reuniões Jesus sempre utilizava de situações do dia a dia daqueles que se reuniam com ele para ensinar. A lição que nos interessa é a de número 34 intitulada “A Serva Escandalizada”.

Nessa lição, uma mulher de nome Dalila lamentava-se pelo fato de ter sido desrespeitada por alguns Publicanos em plena praça pública, justamente no momento em que ela procurava praticar o bem. Jesus a escuta calmamente e depois conta a ela a estória de uma mulher que bateu às portas do Paraíso solicitando trabalho.

Um anjo do Senhor pediu então que ela fosse até uma taberna para socorrer dois homens embriagados que se encontravam em perigo. No dia seguinte a mulher voltou dizendo que não pode realizar o trabalho porque aquele lugar estava repleto de jogadores a trocarem palavras obscenas.

O anjo então pediu que ela fosse até uma floresta socorrer uma criança desamparada. Algum tempo depois a mulher retornou reclamando que o lugar era impenetrável por estar repleto de homens e mulheres seminus a agredirem o seu pudor.

O anjo prosseguiu atribuindo àquela mulher diversos trabalhos mas ela sempre retornava sem realizá-los, cultivando a ineficiência sob os mais variados pretextos.

Até que um dia, ao solicitar uma nova oportunidade de trabalho aquela mulher recebeu do anjo a recomendação de voltar ao seu esforço nas vulgaridades da vida. Ela então pergunta ao anjo: - *Por acaso eu não mereço aproximar-me da vida mais elevada?*

E o anjo respondeu dizendo que ela somente via a maldade em tudo e em todos e que para servir ao senhor, o servo do bem retifica o escândalo com amor e silencia, sem se escandalizar.

É exatamente essa a advertência de Emmanuel. Se desejamos realmente servir no bem é fundamental que estejamos preparados para aceitar e tratar com as imperfeições dos nossos irmãos. Não podemos nos esquecer de que também somos portadores de deficiências espirituais mas apesar disso muitos amigos, encarnados e desencarnados, tem feito muito em nosso benefício.

**Conclusão**

Emmanuel finaliza seus ensinamentos lembrando-nos uma vez mais que o objetivo de nossa presença aqui na Terra é evoluir através do cumprimento dos deveres que Deus nos atribuiu. Aquele monte ao qual Jesus retirou-se para orar, existe na intimidade de nossos corações e é representado por nossos sentimentos mais elevados. Para nós, é essencial recorrermos a esse monte, orando à parte, na busca do entendimento e da renovação das forças para o trabalho edificante de cada dia.

Emmanuel poderia ter dado a essa lição o título de “Trabalho e Oração” mas ele a chamou de “Esforço e Oração”. Acreditamos que ele assim o fez por saber que para nós o trabalho no bem que nos coloca em contato direto com as mazelas espirituais de nossos irmãos, mazelas das quais nós mesmos somos portadores, ainda representa um grande esforço para nós.

Entreguemo-nos literalmente, de corpo e alma ao trabalho que nos cabe realizar conscientes de que, se desejamos de fato aproveitar a oportunidade de estar aqui, hoje e agora, esse é o caminho a ser seguido.